

III

PRIMEIRAS PREGAÇÕES

Nos primeiros dias do ano 30, antes de suas gloriosas manifestações, avistou-se Jesus com o Batista, no deserto triste da Judéia, não muito longe das areias ardentes da Arábia. Ambos estiveram juntos, por alguns dias, em plena natureza, no campo ríspido do jejum e da penitência do grande precursor, até que o Mestre Divino, despedindo-se do companheiro, demandou o oasis de Jericó, uma bênção de verdura e água fresca, entre as inclemências da estrada agreste. De Jericó dirigiu-se então a Jerusalém, onde repousou, ao cair da noite.

Sentado como um peregrino, nas adjacências do templo, Jesus foi notado por um grupo de sacerdotes e pensadores ociosos, que se sentiram atraídos pelos seus traços de formosa originalidade e pelo seu olhar lúcido e profundo. Alguns deles se afastaram, sem maior interesse, mas Hanan, que seria, mais tarde, o juiz inclemente de sua causa, aproximou-se do desconhecido e dirigiu-se-lhe com orgulho:

— Galileu, que fazes na cidade?

— Passo por Jerusalém, buscando a fundação do Reino de Deus — exclamou o Cristo, com modesta nobreza.

— Reino de Deus? — tornou o sacerdote com acentuada ironia. E que pensas tu venha a ser isso?

— Esse Reino é a obra divina no coração dos homens! — esclareceu Jesus, com grande serenidade.

— Obra divina em tuas mãos? — revidou Hanan, com uma gargalhada de desprezo.

E, continuando as suas observações ironicas, perguntou:

— Com quem contas para levar avante essa difícil empreza? Quais são os teus seguidores e companheiros?... Acaso terás conquistado o apoio de algum príncipe desconhecido e ilustre, para auxiliar-te na execução de teus planos?

— Meus companheiros hão de chegar de todos os lugares — respondeu o Mestre com humildade.

— Sim — observou Hanan — os ignorantes e os tolos estão em toda parte da Terra. Certamente que esse representará o material de tua edificação. Entretanto, propões-te realizar uma obra divina e já viste alguma estatua perfeita modelada em fragmentos de lama?

— Sacerdote — replicou-lhe Jesus, com energia serena — nenhum marmore existe mais puro e mais formoso do que o do sentimento e nenhum cinzel é superior ao da boa vontade sincera.

Impressionado com a resposta firme e inteligente, o famoso juiz ainda interrogou:

— Conheces Roma ou Atenas?

— Conheço o amor e a verdade — disse Jesus convictamente.

— Tens ciencia dos códigos da Corte Provincial e das leis do Templo? — inquiriu Hanan, inquieto.

— Sei qual é a vontade de meu Pai que está nos céus — respondeu o Mestre, brandamente.

O sacerdote o contemplou irritado e, dirigindo-lhe um sorriso de profundo desprezo, demandou a

Torre Antonia, em atitude de orgulhosa superioridade.

No dia seguinte, pela manhã, o mesmo formoso peregrino foi ainda visto a contemplar as maravilhas do santuário, antes alguns minutos de internar-se pelas estradas banhadas de sol, a caminho de sua Galiléia distante.

*

Dai a algum tempo, depois de haver passado por Nazaré, descansando igualmente em Caná, Jesus se encontrava nas circunvizinhanças da cidadinha de Cafarnaum, como se procurasse, com viva atenção, algum amigo que estivesse á sua espera.

Em breves instantes, ganhou as margens do Tiberíades e se dirigiu, resolutamente, a um grupo alegre de pescadores, como se, de antemão, os conhecesse a todos.

A manhã era bela, no seu manto diáfano de radiosas neblinas. As águas transparentes vinham beijar os eloendros da praia, como se brincassem ao sopro das virações perfumadas da natureza. Os pescadores entoavam uma cantiga rude e, dispondo inteligentemente as barcaças moveis, deitavam as rôdes, em meio de profunda alegria.

Jesus aproximou-se do grupo e, assim que dois deles desembarcaram em terra, falou-lhes com amizade:

— Simão e André, filhos de Jonas, venho da parte de Deus e vos convido a trabalhar pela instituição de seu reino na Terra!

André lembrou-se de já o ter visto, nas cercanias de Bethsaida e do que lhe haviam dito a seu respeito, enquanto que Simão, embora agradavelmente surpreendido, o contemplava, enleiado. Mas, quasi a um só tempo, dando expansão aos seus

temperamentos acolhedores e sinceros, exclamaram, respeitosamente:

— Sêde benvindo!...

Jesus então lhes falou docemente do Evangelho, com o olhar incendido de jubilos divinos.

Estando muitos outros companheiros do lago a observar de longe os tres, André, manifestando a sua tocante ingenuidade, exclamou comovido:

— Um reino? mas em Cafarnaum existem tão poucas casas!...

Ao que Pedro obtemperou, como se a boa vontade devesse suprir todas as deficiencias:

— O lago é muito grande e ha varias aldeias circundando estas águas. O reino poderá abrange-las todas!

Isso dizendo, fixou em Jesus o olhar perquiridor, como se fôra uma grande criança meiga e sincera, desejosa de demonstrar compreensão e bondade. O Senhor esboçou um sorriso sereno e, como se adiasse com prazer as suas explicações para mais tarde, inquiriu generosamente:

— Quereis ser meus discípulos?

André e Simão se interrogaram a si mesmos, permitindo sentimentos de admiração embevecida. Refletia Pedro: que homem seria aquele? onde já lhe escutara o timbre carinhoso da voz intima e familiar? Ambos os pescadores se esforçavam por dilatar o domínio de suas lembranças, de modo a encontrar-lo nas recordações mais queridas. Não sabiam, porém, como explicar aquela fonte de confiança e de amor que lhes brotava no amago do espírito e, sem hesitarem, sem uma sombra de dúvida, responderam simultaneamente:

— Senhor, seguiremos os teus passos.

Jesus os abraçou com imensa ternura e, como os demais companheiros se mostrassem admirados e trocassem entre si díteros ridicularizadores, o Mestre, acompanhado de ambos e de grande grupo de curiosos, se encaminhou para o centro de Cafarnaum, onde se erguia a Intendencia de

Antipas. Entrou calmamente na coletoria e, avisando um funcionário culto, conhecido publicano da cidade, perguntou-lhe:

— Que fazes tu, Leví?

O interpelado fixou-o com surpresa; mas, seduzido pelo suave magnetismo de seu olhar, respondeu sem demora:

— Recolho os impostos do povo, devidos a Herodes.

— Queres vir comigo para recolher os bens do céu? — perguntou-lhe Jesus, com firmeza e doçura.

Leví, que seria mais tarde o apostolo Mateus, sem que pudesse definir as santas emoções que lhe dominaram a alma, atendeu comovido:

— Senhor, estou pronto!...

Então, vamos — disse Jesus, abraçando-o.

Em seguida, o numeroso grupo se dirigiu para a casa de Simão Pedro, que oferecera ao Messias acolhida sincera em sua residência humilde, onde o Cristo fez a primeira exposição de sua consoladora doutrina, esclarecendo que a adesão desejada era a do coração sincero e puro, para sempre, às claridades do seu reino. Iniciou-se naquele instante a eterna união dos inseparáveis companheiros.

*

Na tarde desse mesmo dia, o Mestre fez a primeira pregação da Boa Nova na praça ampla cercada de verdura e situada naturalmente junto ás águas.

No céu, vibravam harmonias vespertinas, como se a tarde possuisse também uma alma sensível. As árvores vizinhas acenavam os ramos verdes ao vento do crepusculo, como mãos da natureza que convidassem os homens á celebração daquele primeiro ágape. As aves ariscas pousavam de leve nas alcaparreiras mais próximas, como se também desejassem sentir-lo e na praia estensa se acotovela-

va a grande multidão de pescadores rústicos, de mulheres aflitas por continuadas flagelações, de crianças sujas e abandonadas, misturados publicanos pecadores com homens analfabetos e simples que haviam acorrido, ansiosos por ouvi-lo.

Jesus contemplou a multidão e enviou-lhe um sorriso de satisfação. Contrariamente ás ironias de Hanan, ele aproveitaria o sentimento como marmore precioso e a boa vontade como cinzel divino. Os ignorantes do mundo, os fracos, os sofredores, os desalentados, os doentes e os pecadores seriam em suas mãos o material de base para a sua construção eterna e sublime. Convertearia toda miseria e toda dor num canto de alegria e, tomado pelas inspirações sagradas de Deus, começou a falar da maravilhosa beleza do seu reino. Magnetizado pelo seu amor, o povo o escutava num grande transporte de ventura. No céu, havia uma vibração de claridade desconhecida.

Ao longe, no firmamento de Cafarnaum, o horizonte se tornara um deslumbramento de luz e, bem no alto, na cúpula dourada e silenciosa, as nuvens delicadas e alvas tomavam a forma suave das flores e dos arcangels do paraíso.